

Tendências para o ensino de história num contexto de inovações tecnológicas

RESUMO

Gisele Terci Parecido Gerlinger
celiamathematic@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Medianeira, Paraná, Brasil.

Ao longo dos anos pesquisadores na área de história passaram a analisar reflexivamente suas evidências no contexto da educação formal, e passou-se, desta maneira, a abordar-se e a se preocupar não só com a avaliação e com o conhecimento da vida de poucos homens ou com as ações isoladas ou vontades individuais de poderosos, mas também com a dimensão das ações coletivas, das lutas por mudanças, dos valores e perspectivas de grupos sociais, dos costumes que permaneceram ou que se modificaram, noções e percepções que ultrapassam os mecanismos políticos e econômicos. É importante que o professor planeje suas aulas de forma a integrar os conhecimentos que o aluno traz de sua vivência e suas experiências e desafios que contribuam para aprofundar sua percepção e leitura do mundo. É preciso articular a experiência dos alunos com o mundo em que se ensina História. Por isso é importante aproveitar as aulas de História para incorporar novos referenciais teóricos à elaboração de materiais didáticos ou à prática pedagógica, utilizando as novas tecnologias para propiciar novas concepções de ensino-aprendizagem. A pesquisa é de caráter bibliográfico, onde foi procurado por textos, artigos, dissertações, livros, revistas de história, onde farei uma coleta de informações a cerca do tema. O texto está embasado nas ideias de SILVA; FONSECA (2007), KARNAL (2009), SCHIMIDT; CAINELLI (2010), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; sala de aula; metodologias.

INTRODUÇÃO

A cada ano, percebe-se que os alunos não dão tanta importância à disciplina de História, pois, a maioria dos professores, utilizam a simples memorização do conteúdo para resolverem a prova no final do bimestre, fazendo com que os alunos saiam da escola sem saber o que é História, sem se tornarem agentes críticos e ativos no mundo em que vivem.

O professor em sala de aula pode mudar essa realidade, utilizando da sua criatividade e de várias estratégias para tornar o ensino mais interessante aos alunos, e levando aos mesmos a alcançarem o conhecimento, mas lembrando de que não basta a simples aplicação de atividades diferentes, temos que se lembrar da qualidade de ensino, que deve estar acima de tudo e que estas atividades busquem uma maior aprendizagem.

O professor deve inovar seus métodos, deve procurar sempre melhorar sua maneira de ensinar, buscar técnicas novas e deixar de lado a simples transmissão oralmente dos conteúdos, levando os alunos a se interessarem mais pela disciplina.

Lembrando também que o professor deve caminhar junto com a tecnologia, para poder estar atendendo aos anseios dos alunos, pois sem dúvida eles merecem uma aprendizagem cada vez melhor. O profissional que busca constantes aperfeiçoamentos em seus métodos de trabalho certamente nunca estará ultrapassado.

A disciplina de História passou por muitas discussões ao longo do século XX. As discussões sempre são voltadas para o ensino tradicional, ou seja, destacando a necessidade de serem realizadas transformações com a finalidade de superar o ensino tradicional, baseado na exposição do professor e onde o aluno é um mero receptor de informações, não participando ativamente do processo histórico, recebendo conteúdos sem analisá-los criticamente, fazendo com que a História se torne aos olhos dos alunos coisas do passado, sem frescor, ultrapassados e sem sentido (KARNAL, 2005).

Como modificar essas realidades, quais as atitudes tomadas pelos professores de História e quais metodologias utilizadas pelos mesmos podem fazer com que o ensino se torne interessante aos alunos, fazendo com que ele aprenda e

compreenda a História, tendo consciência que são agentes ativos no processo da História, para isso, realizou-se uma revisão literária abordando essa temática.

Na pesquisa bibliográfica buscou-se compreender o que já se tem na área, pesquisando em livros, dissertações, artigos, revistas, entre outras, que poderão me fornecer o que já existe dentro dessa área.

Primeiramente o texto aborda os avanços da disciplina ao longo dos anos, mostrando que houve muitos momentos de discussões para que melhore a disciplina e o ensino da mesma. Posteriormente, o texto aborda

Esse tema é palco de muitas discussões sabe-se que é de extrema importância, pois os alunos cobram por melhores métodos, as novas gerações são mais exigentes, sendo que uma mera aula tradicional não satisfaz os alunos, ocorrendo cada vez mais uma rejeição por parte dos alunos pela disciplina em estudo, fazendo com que se torne uma mera obrigação ficar escutando o que o professor diz sem um significado para eles.

Vale lembrar que essa disciplina pode tornar os alunos mais conscientes de seus atos e melhorias que podem fazer no mundo em que vivem. Os alunos anseiam por conhecimento qualitativo, e essa pode ser uma opção para que o professor de história ofereça esse ensino de qualidade aos alunos.

REVISÃO DE LITERATURA

Ao passar dos anos percebe-se que as discussões sobre o Ensino de História estão ganhando cada vez mais destaque, ou seja, estamos tendo um grande avanço em relação a melhorias na disciplina.

[...] Tornou-se pois fundamental refletir e debater sobre os objetivos do estudo da História e seu processo de ensino/aprendizagem na escola, uma vez que, ao longo do tempo, a disciplina cumpriu diferentes papéis na formação escolar (BRODBECK, 2009, p.10)

As transformações ocorridas na disciplina de História não caminham sozinhas, mas sim, juntamente com as transformações sociais, políticas e educacionais, por isso pode-se concluir que a investigação e o debate do ensino não se separam do contexto em que é produzido.

Conclui-se que:

[...] A História será vista, no setor universitário, como controle ideológico e, assim, será identificada com a chamada Direita política do país. Nos currículos de História das grandes universidades brasileiras haverá o predomínio da História Antiga adotada de maneira factual, bastante positivista, fator esse que irá ao encontro dos objetivos da censura (Carvalho & Funari 2007, p. 14)

A citação acima nos convida a fazermos uma análise do ensino de história, principalmente a partir das décadas de 60, que houve um grande impacto no ensino, com o início da ditadura militar. Nesse período foram realizadas novas metas de ensino, estabelecidas pelo Estado, ou seja, o ensino teria que estar voltado para vontade do Estado, e foi exatamente o que aconteceu.

Pode-se considerar desta forma que, nesse período a disciplina foi marcada pela repressão da ditadura militar, e o estigma na área do conhecimento histórico marcada pela alienação intelectual, pelo afastamento de questões do presente e pelo elitismo e conservadorismo pode ser entendido como uma das sequelas ligadas a História no pós ditadura militar.

[...] Os governos militares instalados no poder a partir de 1964, reorganizaram o papel da educação, salientando sua vinculação ao desenvolvimento econômico e à ideologia de segurança nacional. Verifica-se, nessa época uma progressiva redução dos investimentos estatais no ensino (AVELAR, 2011, p.23).

Nesse mesmo período o governo revigora o ensino de educação cívica pela ótica do princípio de segurança nacional, acarretando desta maneira a descaracterização e o esvaziamento do real sentido do ensino de história nas escolas.

Pode-se perceber que fica evidente no período ditatorial que o ensino de História se firmou como uma estratégia política de Estado, como uma máquina de dominação, porque é capaz de manipular informações que são variáveis importantes na ligação de forças e capaz de uma interferência direta no social, por meio do trabalho com a memória coletiva. Nesse sentido esteve submetido à lógica política do governo (FONSECA, 2003, p. 24).

[...] É neste contexto histórico-político que os militares entenderam que era necessário um maior controle sobre o sistema educacional. Assim, surgiu Lei 5.540/68, baseada nos interesses do regime estabelecido. [...]. Através desta lei, que foi oficializado o ensino dos estudos sociais nas Escolas

brasileiras, ou seja, a historiografia foi repensada. Ficando os específicos da História destinados somente ao segundo grau (SCHIMIDT; CAINELLI, 2004, p.11)

No período da ditadura militar o fazer histórico estava intimamente ligado ao campo da política, ou seja, ao mesmo tempo em que se estava perto do poder dominante, por outro lado se estava bem distante e constituindo outro poder carregado de estratégias capazes de alterar o jogo das políticas.

Com esse novo método do governo teve muitas concordâncias e discordâncias, pois alguns aceitavam as diretrizes, outros por sua vez lutavam contra ela e as estratégias do Estado. Os professores de história queriam ser valorizados, reconhecidos e queriam que a disciplina de História fosse valorizada, pois como já foi citado houve um esvaziamento do real sentido do ensino de História nas escolas.

A função da história neste aspecto acabou-se em priorizar a legitimação e justificação de realidades, ideologias, projetos políticos, pois,

[...] a história serve de legitimadora e justificadora do projeto político de dominação burguesa, no interior da qual a escola secundária foi um dos espaços iniciais de formação da elite cultural e política que deveria conduzir os destinos nacionais, em nome do conjunto da nação. (NADAI, 2002, p. 25).

Com a citação acima podemos concluir que o ensino nas décadas de 60 e 70 estava voltado a atender as vontades da classe dominante, ou seja, do Estado. A História estava resumida em grandes heróis, eram esses que tinham importância, prestígios, deixando de lado os cidadãos ditos “normais” de lado, sendo que todos fazem parte da construção da História.

Outra preocupação presente em todos esses anos é o currículo, pois sempre se questiona em relação ao que ensinar para nossos alunos, o que realmente tem importância e como ensinar nas aulas de história.

Na LDB fica expressada o que da cultura e da história brasileira se deve ensinar nas aulas de História:

[...] Art.-26 Os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. Parágrafo 4º- O Ensino de História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africanas e européias (FONSECA, 2003, p. 32).

A criação do PCNs em 1997 tinha como objetivo atender a multiplicidade de culturas atuantes no Brasil, respeitando as diversidades étnicas, regionais e sociais, conjuntamente com a elaboração de uma base nacional comum que servisse ao processo educacional como um todo. (MATHIAS, p. 47, 2011).

Tivemos um ponto positivo no final dos anos 70 e ao longo dos anos 80, onde houve mudanças significativas no ensino de História, deixando de lado aos poucos, aquele autoritarismo existente nos anos anteriores, e se transformando para melhor.

Para Fonseca (2003, p. 36): “... as últimas décadas do século XX constituíram um grande momento de debates, elaboração e implementação de propostas curriculares, de novos materiais didáticos e de repensar das práticas educativas do Brasil”.

Para a disciplina História os PCNs tem como propósito um ensino no qual as formulações teóricas de caráter pedagógico alicerçam-se no construtivismo piagetiano e a concepção historiográfica assenta-se na chamada História Nova, que, entre outros de acordo com Le Goff se propõe a “recusar a História superficial e simplista que se detém na superfície dos acontecimentos e investe tudo em um fator” (LE GOFF, 1990, pg. 31).

Recorrendo-se aos PCNs, nesta linha de raciocínio, a proposta é de alargamento do sentido e importância dados aos conteúdos, para além dos acontecimentos e conceituações incorporando-se, nesta prática, procedimentos e atitudes a serem trabalhados com os estudantes como meios para atingir-se os objetivos da História.

O professor nesse período também mudou sua forma de pensar, de trabalhar em sala de aula, deixando de lado os velhos métodos e procurando melhorar sua metodologia em sala de aula. As discussões e debates levaram os professores a

essa melhora, e também o novo documento – PCNs (1998) – traz em suas linhas esse grande avanço.

Assim, os PCNs, exclusivamente para ensino de História, apontam para uma reformulação técnica dos textos, onde passaram a demonstrar os fundamentos do conhecimento histórico; também houve a legitimação do currículo junto ao professor, junto a isso a redefinição do papel do docente, aumentando sua autonomia na escolha do seu método pedagógico. Outros pontos foram acrescentados como uma fundamentação pedagógica focada no construtivismo, onde o aluno passa a ser sujeito ativo no processo de aprendizagem e não mero receptor de conhecimentos, pois o aluno não é uma folha em branco pronta para ser escrita, ele possui conhecimentos prévios de mundo e de sociedade. Partindo deste pressuposto os PCNs trazem propostas para o ensino-aprendizagem em diversos níveis (BITTENCOURT, 2004).

Os PCNs (1998) avançou muito em relação as práticas que envolvem o ensino – aprendizagem em História. Através desse documento tivemos a incorporação de grupos sociais, que antes, eram excluídos da História pela forma tradicional de ensinar. Houve um rompimento significativo em relação à cronologia, nos grandes acontecimentos, nos heróis, etc. dando abertura para a realidade local, o cotidiano, ou seja, questões que estão presentes na realidade dos estudantes.

Mas, também temos que ser conscientes que as mudanças nos PCNs (1998) devem ser acompanhadas de uma transformação pedagógica na formação inicial e continuada dos professores. Os professores devem ter uma postura reflexiva, não deixando se levar por opiniões alheias, atitudes e preconceitos que desvalorizem os diversos grupos sociais, mas sim ter uma postura em que cultive atitudes de tolerância e respeito à diversidade.

Um grande avanço em relação ao respeito à diversidade foi a criação da Lei nº 10.639, “que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências” (BRASIL, 2003).

Com esta lei, tornou-se obrigatório no currículo escolar da educação básica o “estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil” (art. 26-A, § 1º - BRASIL, 2003).

Com a criação da Lei, estamos caminhando para uma grande melhoria, no qual reconhece uma luta histórica do movimento do negro no nosso país, e essa Lei também representa um progresso na construção de um multiculturalismo crucial nas escolas.

A Lei foi criada, agora necessitamos de que os livros didáticos sejam reformulados, onde considerem a diversidade cultural existente no nosso país, cuja matriz afro-brasileira merece ser notada, para que de fato haja uma educação plural e democrática. Além de livros didáticos reformulados é necessário que a escola ostente sua função social de valorização e de propagação da cultura e da pluralidade de nossa formação étnica.

Até hoje temos muitas discussões a respeito do ensino de História, discussões essas, que pendem por melhorias. Os docentes estão lutando por reconhecimento e valorização. Mas, infelizmente, temos um ponto negativo, os documentos que norteiam o ensino são elaborados por pessoas que nunca entram em sala de aula e por isso, muitas vezes acaba fugindo da realidade dos alunos e dos docentes, tornando desta maneira, um esvaziamento do ensino de História.

Após o período de ditadura militar, tivemos um grande avanço na disciplina de história. Mas para que se alcançassem esses avanços, os debates foram muitos, sendo o primeiro deles a reformulação do currículo da disciplina, pois existia uma crítica considerável, em que os professores se sentiam excluídos, pois os currículos vinham prontos e acabados.

Pode-se perceber que não só os currículos foram inovados, mas o professor também foi visto com um olhar diferente, deixando de lado o papel de simples transmissor de conhecimentos e passou a ser um mediador, ou seja, aquele que procura estar lado a lado com os alunos, e não como alguém que está acima dos alunos (LOPES, 2009).

Nos anos 80 houve uma grande luta para que outras fontes fossem reconhecidas como forma de ensinar em sala de aula, e não usando exclusivamente o livro didático, como fonte de verdade absoluta.

Outro avanço significativo foi o rompimento com a excessiva evidencia na cronologia, nos grandes acontecimentos e heróis, lembrando que eram os únicos que “faziam história” até alguns anos atrás.

Em contrapartida tivemos um grande avanço em favor de um ensino que procurasse ensinar o cotidiano, a realidade local e os vínculos estabelecidos com a

vivência dos alunos. Defendendo a idéia que não bastava apenas inserir conteúdos, mas instigar nos alunos a curiosidade e a reflexão (PABIS, 2012)

Nos anos 80 tivemos uma participação especialmente de professores e alunos de história na defesa da educação pública, da democracia, da cidadania, contra as injustiças e desigualdades. Essa mobilização culminou em uma grande conquista histórica expressa na Constituição Federal de 1988, especialmente no artigo 206, sendo que o item V estabelece a:

[...] Valorização dos profissionais do ensino, garantindo, na forma da lei, planos de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, assegurando regime jurídico único para todas as instituições mantidas pela união. (SILVA e FONSECA, 2007, p. 16).

Nesse período estudado tivemos vários congressos, que tinham como intuito a divulgação do debate em torno das transformações necessárias no ensino público. Estes debates tinham como objetivo que as escolas assumissem seu papel de produtora de conhecimento, ou seja, professores e alunos superaram a condição de simples receptores de um saber produzido por pessoas que nem ao menos entravam em sala de aula, que não tinham idéia de como era a realidade dos alunos e professores, e procuram assumir um trabalho que levasse a reflexão, pesquisa, enfim, que tivesse significado para o professor e o aluno. Este era o grande desafio proposto nos anos 80.

Fonseca coloca que:

[...] Durante muitos anos, fazer “pesquisa” na escola fundamental teve o seu sentido transfigurado. Na maioria das vezes, o professor apenas indica o tema e o aluno sai à procura do material que contenha o assunto, copia trechos de textos de um ou mais autores e devolve ao professor, que muitas vezes não se dá conta de como foi realizado o trabalho e dos problemas recorrentes deste (FONSECA, 1993, p. 93).

O que se procurava era uma nova forma de ensinar, e para isso, era preciso que uma nova mentalidade a respeito de como ensinar e do que ensinar e para que ensinar história, tendo claro para quem se ensina. As novas propostas idealizadas nos anos 80 queriam apontar a necessidade de um novo

redimensionamento do papel da escola, da sua função social no diversos níveis de ensino.

E com os passar dos anos, as lutas continuam, ou seja, todos procuram melhorias e temos que ser conscientes que os anos 80 foi de grande melhoria para o ensino, mas temos que ter em mente, que muito ainda pode ser feito e nós educadores temos que correr atrás, não podemos estacionar, esperando algo. Nossa luta deve ser constante.

2.1 RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR/ALUNO E AS AULAS DE HISTÓRIA

História se resumia em aprender sobre datas, acontecimentos importantes feitos por heróis, rainhas, reis, sendo que eram somente essas pessoas que faziam história. Mas com o passar dos anos a maneira de ensinar história foi se modificando, foram realizados muitos debates e graças a muitos historiadores essa realidade foi se transformando, buscando novas perspectivas para ensinar.

Hoje em dia ainda temos muitos professores de História tradicionais, ou seja, que simplesmente repassam os conteúdos aos alunos como verdade absoluta, sem uma análise crítica, sem fazer com que o alunos questione, reflita, compreenda, tornando os alunos alienados a fatos que muitas vezes poderiam ser analisados de forma crítica.

[...] O ensino de História deve oferecer ao aluno um estímulo para a compreensão da realidade. É importante que ele seja motivado a falar, expor suas ideias sobre variados assuntos, debatê-los com os colegas, reformulá-los. Dessa maneira, o aluno perceberá que existem opiniões diferentes das suas e passará a respeitá-las. Como consequência disso, aumentará o número de informações que possui, construindo e ampliando cada vez mais o próprio conhecimento (BRODBECK, 2009, p.7).

Em sala de aula a disciplina de História pode levar a várias discussões e não necessariamente a funções preestabelecidas, como formar cidadãos, civilizar, valorizar a pátria, ensinar datas, etc., mas sim levar tanto professor quanto aluno a serem cidadãos críticos, pois “a disciplina tem um papel de ensinar a refletir e a ler o mundo a partir de uma orientação histórica (FERREIRA e FRANCO, 2010, p. 103 e 104).

Houve-se dizer muito que o professor de História tem que estar andando junto com a tecnologia para atender os anseios dos alunos, e com certeza isso é verdade, mas vale lembrar que não adianta o professor utilizar das várias metodologias existentes se ele não planejar a aula antes, se ele não pesquisar e refletir sobre o conteúdo, pois como conclui Leandro Karnal “uma aula pode ser extremamente conservadora e ultrapassada contando com todos os mais modernos meios audiovisuais. Uma aula pode ser muito dinâmica e inovadora utilizando giz, professor e aluno” (KARNAL, 2005, p.9).

Um professor mal preparado e desmotivado não consegue dar uma boa aula, prejudicando assim os alunos. O professor deve ter conteúdo e saber estudar esse conteúdo, pois sem saber a matéria não pode haver ensino.

As fontes históricas são de extrema importância para a construção do conhecimento histórico, e o professor que faz uso dessas fontes já está dando um grande passo para a melhoria do ensino.

Karnal explicita algumas fontes para o uso em sala de aula, como documentos oficiais, textos de época e atuais, ilustrações, poemas, letras de música, caricaturas, pinturas, fotos, televisão, entre outras. (KARNAL, 2005).

Não devemos nos esquecer de que para utilizar essas fontes nas aulas de História deve-se haver um tratamento adequado das mesmas, analisando-as criticamente, sem se tornar alienados a simples informações, que se não forem pesquisadas e analisados se tornam sem sentido para os alunos.

Outro papel essencial é que a escola deve-se mostrar interessada em incorporar essas mudanças tão discutidas, pois, a escola pode estar aberta para receber, por exemplo, equipamentos de informática, mas muitas vezes, o trabalho realizado com o aluno é desenvolvido de forma desarticulada, o que acaba sendo um fracasso.

É importante que a escola perceba que o valor instrumental “não está nos próprios meios, mas na maneira como se integram na atividade didática, em como eles se inserem no desenvolvimento da ação” (Rezende, 2002).

O trabalho do professor é fundamental nos projetos de inovações tecnológicas até porque “a qualidade educativa destes meios de ensino depende, mais do que de suas características técnicas, do uso ou exploração didática que realiza o docente e do contexto em que se desenvolve” (Rezende, 2002).

Para Rezende (2002), o professor deixa de ser o repassador do conhecimento para ser o criador de ambientes de aprendizagem e facilitador do processo pelo qual o aluno adquire conhecimento.

Rezende (2002) considera que o ensino com as novas mídias deveria questionar as relações convencionais entre professores e alunos. Para tanto, define o perfil desse novo professor - ser aberto, humano, valorizar a busca, o estímulo, o apoio e ser capaz de estabelecer formas democráticas de pesquisa e comunicação.

Percebe-se uma grande distância entre aluno, professor de História e os conteúdos, fazendo com que cada dia que passe o interesse dos jovens e crianças pela História diminua. O professor tem muitas vezes falhado no aspecto de levar o aluno à investigação e à exploração de sua realidade e à descoberta do mundo científico. O professor tem se conservado em um modelo que tem valorizado excessivamente os fatos do passado, sem instigar a reflexão sobre a produção do conhecimento e a atuação do aluno como construtor da História e a necessidade de compreender as metodologias e encontros entre sua história e a de seu povo (KARNAL, 2005).

O distanciamento dos educandos com a disciplina de História é tanto, que eles criam em suas mentes que a disciplina de História é feita de coisas do passado e que não tem nada a ver com seu dia a dia. Percebe-se aí a necessidade do professor fazer com que os alunos compreendam que há uma interligação com sua história e a de seu povo, fazendo com que eles se percebam como agentes ativos na construção da História.

O professor ao selecionar os conteúdos que serão trabalhados em sua proposta de trabalho, deve ter pleno conhecimento dos objetivos e da problemática que pretende abordar, levando em consideração a história do aluno e as referências locais. Desta forma as questões devem ser selecionadas com "(...) a intencionalidade de fornecer aos alunos a formação de um repertório intelectual e cultural, para que possam estabelecer identidades e diferenças com outros indivíduos e com grupos sociais presentes na realidade vivida – no âmbito familiar, no convívio da escola, nas atividades de lazer, nas relações econômicas, políticas, artísticas, religiosas, sociais e culturais (KARNAL, 2005, p. 68).

A articulação entre a história vivida pelos alunos e os conteúdos apresentados pelo professor são de extrema importância, pois o aluno para compreender o

mundo necessita compreender o que acontece a sua volta, ou seja, em sua família, em seu bairro, em sua cidade, em sua escola para assim poder dar procedimento aos conteúdos sobre outros países, estados, sobre guerras e conflitos.

O professor deve viver em constante renovação, ou seja, viver pesquisando, questionando, refletindo sobre os assuntos e conteúdos. Tem se visto muito que professores utilizam as mesmas atividades por vários anos.

Karnal (2005, p. 72 e 73) apresenta alguns pontos importantes que sintetizam a proposta de trabalho do professor de História:

- Valorização do aluno e de seu universo; estimular a oralidade do mesmo;
- Não é possível estudar tudo, por isso é preciso saber selecionar o que falar e como falar;
- Expor ao aluno o que se ensina, por que se ensina e onde quer chegar;
- Dar dimensão que o conhecimento histórico é um meio para compreender o mundo, as questões da atualidade, suas origens, as diversas respostas e explicações para um determinado fato;

Esses pontos citados acima são de muita importância para o professor de História, todos deveriam estar cientes do que o autor propôs, devendo lembrar que o autor ressaltou que não se consegue ensinar tudo, então o que vale é ensinar com qualidade, pois não basta descarregar conteúdos sem um mero significado. Outro ponto citado foi que se deve expor ao aluno o que vai ser ensinado, explicar de forma clara e explicitar qual o objetivo daquele conteúdo. E às vezes o professor deve perder se forem necessárias três, cinco, sete aulas para explicar um conteúdo, e se for necessário explicá-lo novamente, para que o aluno compreenda e não fique sem significado.

Na sua docência o professor deve estar auxiliando os seus alunos, mediando-os e os ajudando em suas dúvidas. Muitas vezes os professores acabam desmotivando os alunos, pois não oferecem oportunidades para os mesmos mostrarem seu lado crítico e criativo. O professor é responsável pela mediação na forma como os alunos poderão usar as fontes respeitando a condição histórica das mesmas.

Pode-se concluir que a sala de aula deve ser considerada um espaço aberto a tudo aquilo que proporcione formas de conhecimento, formas que os alunos interajam e procurem construir o conhecimento histórico.

Para que haja uma aprendizagem significativa é de extrema importância a utilização de metodologias e recursos, tanto para o aluno, quanto para o professor. Esses recursos situam o aluno no contexto histórico, tornando a aula mais produtiva e interessante. Assim conseguimos despertar o interesse do aluno, facilitando a compreensão dos conteúdos.

Em relação ao conhecimento histórico Ramos (2009, p.132) considera que: “Para os alunos o conhecimento histórico é complexo e abstrato, os documentos, utilizados também como mediadores culturais, tornam possível imaginar ou reconstruir o passado”.

Com a citação acima podemos concluir que os documentos dão um direcionamento para o aluno, servindo de auxílio para ele compreender uma época que ele não viveu. E cabe lembrar que não é possível fazer história sem o uso dos documentos.

Com o uso de todos esses recursos permitem que o ensino esteja ligado com todas as inovações tecnológicas que o mundo está vivendo e que com certeza o educando já está inserido.

O professor como um profissional competente deve sempre procurar usar recursos inovadores para que haja uma aprendizagem significativa. Além do mais o estudo de documentos aproxima o ensino e a pesquisa, evitando assim o uso do livro didático como o único material de estudo entre o conteúdo e os alunos.

[...] Os recursos interferem fortemente no processo de ensino e aprendizagem; o uso de qualquer recurso depende do conteúdo a ser ensinado, dos objetivos que se deseja atingir e da aprendizagem a ser desenvolvida, visto que a utilização de recursos didáticos facilita a observação e a análise de elementos fundamentais para o ensino experimental, contribuindo com o aluno na construção do conhecimento. (LORENZATO, 1991)

Não basta somente o professor usar as metodologias e os recursos como mero transmissor de conteúdos, ele deve saber preparar uma aula com eficiência, sem esquecer-se da realidade do aluno, e cabe ao professor saber utilizar esses documentos como uma forma de reflexão e produção do saber.

Todas essas práticas trazem ótimos resultados, tornando a aula mais interessante, mais produtiva, resultando também em um melhor desempenho por parte do aluno e também por parte do professor (FREITAS; PEREIRA, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de História deve ser percebido como um processo dinâmico em constante mudança através dos tempos, onde cada indivíduo é parte integrante desta história que ele constrói. Esse ensino permite que o homem questione sua realidade em que vive, sob as possibilidades de transformação, interagindo com o mundo que o cerca para construir sua própria história através dos fatos históricos passados e futuros.

A História ensina a conhecer, entender e pensar o presente com olhos no passado, afinal, entender as transformações ocorridas tanto no campo estrutural como no campo das ideologias é fundamental para a consolidação de uma sociedade mais justa e trabalhar com a cidadania em diferentes tempos e espaço.

Ensinar História é trabalhar com identidades, com cultura e com a formação de cidadãos que exercem papéis distintos na vida e na sociedade brasileira.

Para que o aluno desenvolva o raciocínio histórico e as habilidades e competências necessárias para o exercício pleno da cidadania é necessário que ele seja instrumentalizado com noções e conceitos próprios da disciplina de História. Orientar o aluno para que ele construa o conhecimento a partir de suas experiências, exige que o professor domine recursos que permitam-no ir além da aula expositiva e do uso do livro didático.

Com a inserção dos recursos tecnológicos na sala de aula, o professor precisa elaborar um planejamento, introduzindo adequadamente as TICs para facilitar o processo didático-pedagógico da escola, buscando aprendizagens significativas e a melhoria dos indicadores de desempenho do sistema educacional, empregando as tecnologias de forma eficiente e eficaz.

A inserção das tecnologias em sala de aula deve ser acompanhada por uma metodologia adequada às necessidades dos alunos, sendo significativa, questionando o objetivo que se quer atingir, levando-se em consideração o lado positivo e as limitações que apresentam.

Trends for the teaching of history in a context of technological innovations

ABSTRACT

Throughout the years, researchers in the field of history began to analyze their evidence in the context of formal education reflexively, and in this way they began to address themselves and to be concerned not only with the evaluation and knowledge of the life of a few Men or with isolated actions or individual wills of the powerful, but also with the dimension of collective actions, struggles for change, values and perspectives of social groups, customs that have remained or have changed, notions and perceptions that go beyond the mechanisms Political and economic. It is important that the teacher plans his classes in order to integrate the knowledge that the student brings of his experience and his experiences and challenges that contribute to deepen his perception and reading of the world. It is necessary to articulate the students' experience with the world in which History is taught. Therefore it is important to take advantage of History classes to incorporate new theoretical references to the preparation of teaching materials or pedagogical practice, using new technologies to provide new teaching-learning concepts. The research is of bibliographic character, where it was searched for texts, articles, dissertations, books, history magazines, where I will make a collection of information about the theme. The text is based on the ideas of SILVA; FONSECA (2007), KARNAL (2009), SCHIMIDT; CAINELLI (2010), among others.

KEYWORDS: Teaching; classroom; methodologies

REFERÊNCIAS

- AVELAR, Alexandre de Sá. **Os desafios do ensino de História: problemas, teorias e métodos**. Curitiba: Ibpex, 2011.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. (Org.) **O saber histórico na sala de aula**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n67/a09v2567.pdf>. Acesso em: 29 de julho 2015.
- BRODBECK, Marta de Souza Lima. **O ensino de História: um processo de construção permanente**. Curitiba: Módulo Editora, 2009.
- CARVALHO, M. M. de, FUNARI, P. P. A. **Os avanços da História Antiga no Brasil: algumas ponderações**, História, São Paulo, v. 26, n.01, 2007.
- ECCO, Idanir. **O Ensino de História: evidências e tendências atuais**. Disponível em: revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/viewFile/306/570. Acesso em 10 de ago. de 2015.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. **Aprendendo História: reflexão e ensino**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, Reflexões e Aprendizados**. Campinas: Papyrus, 2003.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História ensinada**. Campinas: Papyrus, 1993.
- FREITAS, Maria do Carmo Duarte; PEREIRA, Bernadete Terezinha. **O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação na Prática Pedagógica da Escola**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1381-8.pdf>. Acesso em 10 de ago. de 2015.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- LE GOFF, Jaques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MATHIAS, Carlos Leonardo Kelmer. **O ensino de História no Brasil: contextualização e abordagem historiográfica**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:
<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/viewFile/959/163>. Acesso em 26 de setembro de 2015.

MOIMAZ, Érica Ramos. **Metodologias do ensino da história**. São Paulo: Pearson Education do Brasil: 2009.

NADAI, P. **O Ensino de História e a “Pedagogia do Cidadão”**. In. PINSKY, J. (Org.) O ensino de História e a criação do fato. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

NISHIKAWA, Taíse Ferreira da Conceição. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

PABIS, Nelsi Antonia. **Diagnóstico da Realidade do aluno: desafio para o professor no momento do planejamento e da prática pedagógica**. Disponível em:
http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Didatica/Trabalho/05_31_14_1867-6463-1-PB.pdf. Acesso em 26 de setembro de 2015.

REZENDE, Flávia. **As novas Tecnologias na Prática Pedagógica sob a perspectiva construtivista**. Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, UFRJ, 2002.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo:

Recebido: 21 nov. 2016.

Aprovado: 24 ago. 2017.

DOI:

Como citar: GERLINGER, G. P. T. ; Tendências para o ensino de história num contexto de inovações tecnológicas R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol, Medianeira, v. 8, n. 16, 2017. E – 5048.
Disponível em: <<https://periodicos.utfrpr.edu.br/recit>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

